

**RADIALIDADE DAS CONSTRUÇÕES
DE MOVIMENTO CAUSADO PRESUMIDO
OLHA SÓ, AQUI, ALI, LÁ**

Sandra Bernardo (UERJ/PUC-Rio)
sandrapb@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Com base em uma abordagem sociocognitiva, apresento, neste texto, postulações tecidas acerca das construções de movimento causado presumido, *olha aqui*, *olha lá*, *olha ali* e *olha só*, que desempenham função sinalizadora em conversa informal, com vistas a propor-lhes um *status* de categoria radial (a partir de Lakoff, 1987), devido à relação polissêmica vislumbrada entre elas.

Na abordagem sociocognitiva, a capacidade linguística não é entendida como um componente autônomo em relação a outras habilidades cognitivas. O significado linguístico é corporificado; surge a partir da capacidade biológica e das experiências físicas e socioculturais captadas do meio ambiente. Nesse sentido, é possível estudar o significado pragmático como parte do aparato cognitivo envolvido na conceptualização e não externo a ele, já que o significado social se desenvolve internamente a partir de modelos e processos cognitivos particulares dos seres humanos. Congrego, na perspectiva adotada, a teoria dos espaços mentais (Fauconnier, 1997) e a gramática de construções (Goldberg, 1995). Além disso, trabalho com os conceitos de Clark (1996) e de Marmaridou (2000).

Como essas construções são empregadas com sentido de *prestar atenção* e, em termos morfossintáticos, apresentam estrutura semelhante, acredito que a diferença entre elas pode ser embasada por uma versão branda⁴ do primeiro corolário do princípio da não sinonímia de Goldberg (1995, p. 67): se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, devem apresentar diferenças pragmáticas.

⁴ A proposta de uma versão fraca desse corolário reside no caráter preliminar das reflexões sobre a distinção morfossintática observada nessas construções.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

As ocorrências estudadas foram extraídas do *Banco de dados Interacionais* (BDI), volume organizado por Roncarati (1996), composto de transcrições de conversas casuais gravadas em 1989 e 1990. Na próxima seção, apresento a fundamentação teórica deste estudo. Em seguida, na segunda seção, passo à análise das construções em estudo, conceituando-as como uma categoria radial.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em razão do papel que desempenham na conversa, venho conceituando as construções de movimento causado presumido *olha aqui, olha ali, olha lá e olha só* como sinalizadores, termo que remete ao papel das formas linguísticas na conceptualização numa visão sociocognitiva, a saber: guiar a processo de significação em conjunto com outros sinais presentes no contexto de uso da língua. O conceito de sinalizador foi elaborado com base em Clark (1996), para quem os atos comunicativos ocorrem por meio de sinais naturais (ou indícios), quando a língua é utilizada. O autor define tais sinais como “*um ato pelo qual os participantes coordenam o próximo passo na atividade em andamento*” (p. 132).

Embora a forma *olha* não figure como elemento dêitico nos estudos de pragmática da língua portuguesa, seu papel na sinalização de referentes, a partir da abertura de um espaço-FOCO, levou-me a considerá-la entre as estratégias dêiticas empregadas em conversa. Essa assunção se baseia na concepção de dêixis como uma projeção da metáfora APONTAR PARA (Marmaridou, 2000). Em outras palavras, o ato físico de apontar é projetado num espaço conceptual. Além disso, a dêixis é interpretada como uma noção escalar em cujo extremo poderiam ser encontrados alguns mecanismos anafóricos e discursivos.

Entre os processos cognitivos envolvidos na conceptualização, as metáforas também desempenham papel fundamental, porque são mecanismos cognitivos que estruturam parcialmente conceitos experienciados/concebidos pelos seres humanos em todas as suas atividades, por meio da relação entre diferentes domínios cognitivos.

Assim, na conceptualização dessas construções, ocorre uma projeção entre o domínio da percepção visual e o linguístico, que po-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

de ser explicada em termos gerais pelas metáforas COMPREENDER É VER, IDEIAS SÃO OBJETOS e DISCURSOS SÃO FONTES DE LUZ. A relação entre esses dois domínios produz, nos termos de Talmy (2002), coerência conceptual, já que possibilita a representação dos sentidos integrada e unificadamente a um corpo de material conceptual diferente. A compreensão desses conceitos em interações planejadas localmente (*on line*), como a conversa, deve-se ao fato de as metáforas fundadoras subjacentes à conceptualização do discurso integrarem uma base comum de conhecimentos partilhada pelos falantes no curso da interação.

A base experiencial e dinâmica da construção partilhada dos sentidos produzidos reflete-se na forma como as categorias conceptuais são configuradas, também, de forma dinâmica e flexível, já que a natureza emergente do processo de significação não se coadunaria com categorias rígidas. Daí no âmbito da Linguística Cognitiva terem sido propostas ferramentas como o modelo de categorias radiais: geradas e entendidas a partir de um modelo central, que possibilita as extensões de sentido, de modo que essas são compreendidas por meio da relação estabelecida com a categoria central (Lakoff, 1987).

Como a linguagem é parte de cognição como um todo, as categorias conceptuais marcadas pelas gramáticas das línguas são importantes para o entendimento das categorias cognitivas. As pessoas categorizam coisas, cujas listas são tomadas por linguistas e antropólogos para explicar como a mente funciona ao entender e representar a realidade de cada cultura. Some-se a isso o fato de categorias linguísticas serem usadas em tarefas não linguísticas, porque integram o aparato cognitivo, ou seja, categorias linguísticas são categorias do sistema conceptual. Portanto, o sistema classificador reflete os aspectos experiencial, imaginativo e ecológico da mente (Lakoff, 1987).

O processo de classificação de um nome em uma categoria relaciona-se à forma como se lida com os objetos nas interações humanas, em termos físicos, funcionais e interacionais. Níveis básicos de categorização dependem da natureza das interações humanas diárias em um ambiente físico e cultural. O fato de as extensões a partir

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

do centro das categorias não serem predizíveis nem arbitrárias, mas motivadas, demonstra o caráter ecológico⁵ da mente humana.

Segundo Lakoff (1987), as categorias radiais utilizam quatro tipos de modelos cognitivos: (i) modelos proposicionais, que especificam elementos, suas propriedades e as relações entre eles, por exemplo, o conhecimento sobre *fogo*, abrangendo sua periculosidade; (ii) modelos de redes de esquemas de imagens, tais como o conhecimento sobre *velas* incluir o esquema de objetos alongados e/ou finos; (iii) modelos metafóricos e (iv) modelos metonímicos.

As categorias radiais relacionam-se a um modelo de descrição mais geral, chamado teoria dos protótipos, surgido em meados dos anos 70 com Eleanor Rosch, como uma alternativa ao modelo tradicional de categorização com base em traços essenciais e rígidos. Depois de reformulações, a noção de protótipo, a partir da qual elementos de uma categoria eram definidos conforme as semelhanças partilhadas, deu lugar aos efeitos de prototipicidade, que se irradiariam, a partir do elemento central, na conceptualização de categorias definidas por um conjunto de semelhanças (*famílias de semelhanças* nos termos Wittgenstein, 1953, cuja contribuição para semântica cognitiva é citada por Lakoff, 1987).

Assim, em categorias como *pássaros*, o elemento considerado prototípico é em si mesmo um conceito estruturado prototipicamente, ou seja, não existe uma única definição que capture todas as formas de prototipicidade dessa categoria. Por exemplo, pode-se pensar em diversos níveis sobre a categoria *pássaros*: a partir da ideia de que pássaros têm penas, asas e podem voar, correspondendo ao conceito central dessa categoria, casos periféricos podem ser categorizados. Isso ocorre com pinguins, cujas penas e asas são modificadas a ponto de um leigo, considerá-las inexistentes. Porém, há outros níveis em que se pode pensar na categoria *pássaros*: em termos individuais, como quando se pensa no papagaio do seu tio; ou, em termos gerais, quando se pensa num grupo de espécies dentro da categoria, como qualquer ave, ave comestível, aves de rapina, aves aquáticas.

⁵ O termo ecológico é tomado para representar um sistema com uma estrutura geral não compartimentada, em que os efeitos não podem ser localizados, de modo que algo ocorrido em uma parte desse sistema afeta-lhe outra(s) parte(s).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Esse movimento de um nível mais específico para um mais geral é chamado de esquematização e o modelo resultante de leitura para uma expressão é denominado redes de esquemas. Tal modelo, implícito na teoria dos protótipos, acarreta consequências importantes para concepção de dinamismo semântico-pragmático da conceptualização, porque permite pensar o nível de abstração com que as categorias são conceptualizadas contextualmente em termos flexíveis.

As categorias conceptualizadas compõem domínios estáveis denominados modelos cognitivos idealizados (MCI), estruturas complexas que organizam o conhecimento humano, porque são responsáveis pelas ligações no encadeamento das categorias. Os MCIs (esquemas conceptuais) “são conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis” que desempenham “papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos” no dia a dia (Miranda, 1999, p. 83).

OLHA SÓ, AQUI, ALI, LÁ: UMA CATEGORIA RADIAL

As construções de movimento causado presumido (doravante CMCP) em estudo apresentam características comuns: (i) o sentido basilar de *prestar atenção*, devido à função sinalizadora desempenhada, e (ii) a (possibilidade de) abstratização propiciada pelos elementos circunstanciais que as compõem, conforme a natureza do objeto colocado em FOCO no cenário discursivo.

Embora se trate de estudos de casos, em razão do número de dados, o que leva ao estabelecimento de hipóteses acerca do papel dessas construções na conversa, postulei-lhes duas ramificações categoriais, conforme a figura (1): a primeira representa o contínuo de casos de *olha só*, conforme o objeto FOCALIZADO seja concreto ou abstrato. A segunda ramificação ilustra os empregos de *olha aqui, ali e lá*, também sensível ao percurso concreto-abstrato.

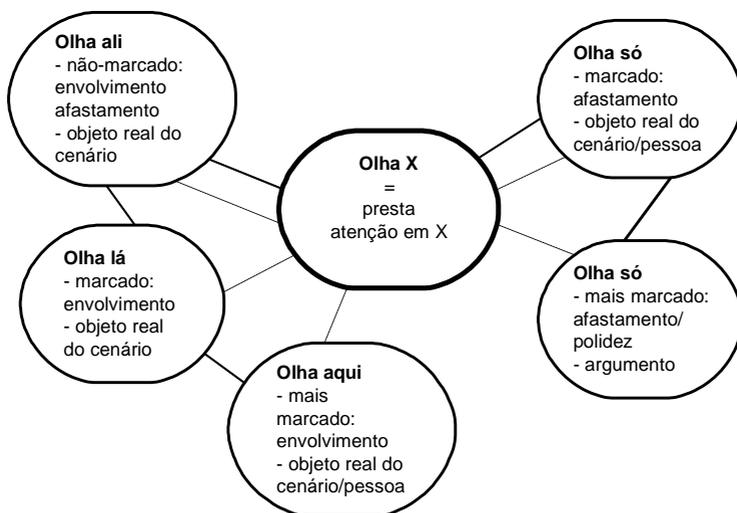


Figura (1) – Radialidade das construções *olha X*

As linhas pontilhadas da figura (1), acima, representam o caráter radial da categoria no que tange à relação das CMCP ao sentido básico de *prestar atenção*. A partir desse significado, os diagramas ligados por linhas cheias exprimem a irradiação categorial sensível ao efeito de prototipicidade, proposto com base no enquadre conceptual aberto por cada sinalizador.

O uso de *olha só*, mesmo os mais prototípicos, como no exemplo (1), abaixo, exibem um caráter argumentativo mais marcado do que a construção preenchida com os dêiticos de lugar, já que a participante ao apontar seu pé inchado está defendendo sua opinião sobre esse “objeto”. Nesse trecho, em que a participante muda o tópico da conversa, a forma *só* ressalta o inchaço.

No excerto (2), em que a participante M introduz de forma modalizada uma crítica à prática dos demais participantes, o *olha só* sinaliza um propósito modalizador, revelando-lhe, pois, um caráter mais abstrato. Congregando as duas funções, no exemplo (3), um caso considerado limítrofe, porque a falante pode estar apontan-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

do/mostrando o objeto enquanto reforça sua posição de que seu preço seria justo, se considerada a qualidade.

- (1) M = 013 Ô meu pé inchado
014 *olha só*.
015 Chega a fazer dobrinha
016 tá vendo? (BDI 2b)

- (2) M = 751 *Olha só*
752 é que vocês rodam//
753 ((Pigarreando)) {segue trecho com superposição}
759 Hein Júlio.
760 Vocês rodam
761 prova demais. (BDI 5)

- (3) M = 333 UAU!
334 Que lindo!
335 Que baRA:to!
J = 337 *Olha só* gente.
338 Tem que ser caro assim mesmo. (BDI 2b)

Portanto, nos três tipos de *olha só*, o enquadre semântico-pragmático envolvido na conceptualização da construção *olha só* baseia-se na abertura de um espaço-FOCO em que o falante se projeta por meio do/no discurso, adotando uma atitude de afastamento em relação ao objeto (alvo), para o qual busca a atenção dos participantes da interação. Em outras palavras, ao empregar *olha só*, o falante sinaliza a introdução de uma avaliação, preparando seu interlocutor para a defesa de uma posição, que, nos casos de *olha só* argumenta-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tivos, configurará um argumento contrário, daí a necessidade de preparação/sinalização prévia.

Na ramificação com os casos de *olha+dêitico*, o contínuo concreto-abstrato parte de *olha ali*, que, se considerado o tipo de objeto colocado em FOCO na conversa, poderia ser o elemento nuclear, porém, devido à escassez de ocorrências, seria prematuro considerá-lo o protótipo da categoria *olha X* como um todo. Além disso, a dimensão espacial expressa no sentido de *ali* não lhe conferia uma localização tão próxima ao falante quanto o *aqui*, por exemplo. Em outras palavras, com base na hipótese da corporificação dos significados linguísticos, concebo uma gradação em termos de relação espacial evocada por tais dêiticos que partiria do *aqui*.

Contudo, em termos do enquadre conceptual com que os sinalizadores dessa ramificação forma empregados na conversa, observei uma diferença semântico-pragmática entre eles, como pode ser observado nos exemplos (4) e (5) de *olha aqui* na comparação com e *olha lá* (6) e *olha ali* (7).

(4) F1 = 269 estraguei meu jogo.

270 Foi por isso.

271 Então é por isso.

272 *Olha aqui ó.*

273 Aqui ó.

274 tem oito pontos (Inint.) ((Vozes ao fundo))

(BDI 12)

(5) J = 90 *Olha aqui* Neide (Inint)

91 eu vou cortar você também ((Fala rápida)) (BDI 1)

(6) G = 308 Um coxão.

309 *Olha lá.*

310 Nossa mãe

311 ó.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

312 Ih

313 aproveita. (BDI 3)

(7) I = 295 Quanto que tá a batata frita?/.../

C = 299 Se não me engano.

300 *Olha ali.* ((Tabela de preços))

I = 301 *Olha ali.*

302 É muito mais fácil. (BDI 4)

Em (4), o participante da interação F1 conta vantagem sobre os outros participantes do jogo, chamando-lhes a atenção para seu jogo e sua estratégia. Esse papel desempenhado pelo *olha aqui* me levou a considerá-la uma construção de movimento causado presumido limítrofe, que sinaliza as cartas do jogo e atitude do jogador frente aos seus oponentes. O sentido mais abstrato de *prestar atenção em X* de *olha aqui* é corroborado por (5), a falante J afirma que vai interromper fala de Neide, que, em passagem anterior, reclamou de não conseguir falar; logo, de não conseguir a posse do turno.

Logo, no enquadre conceptual de *olha aqui*, o falante projeta-se no mesmo espaço-FOCO do objeto (alvo) sinalizado, dado seu caráter metonímico, numa atitude de envolvimento, sinalizando uma atitude de enfrentamento, ironia ou descontração, posturas em que não há uma preocupação explicitamente marcada com a preservação da face dos participantes, principalmente daquele que emprega tal construção para sinalizar seu discurso ou ato participativo.

Os empregos de *olha lá* e *olha ali* revelaram-se mais prototípicos que *olha aqui*, porque sinalizam um objeto presente no cenário conversacional. Em (6), um dos participantes ressalta a espessura da coxa de outra participante que ofereceu colo ao colega sem travesseiro, para o qual vislumbro um emprego limítrofe para *olha lá*, em razão do clima brincadeira em que a conversa transcorre e no fato de o quarto do alojamento onde deu a interação apresentar dimensões incompatíveis com a localização de um objeto a uma distância tal, que demandasse o emprego de *lá*, por isso atribuí a esse dêitico um caráter intensificador.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Assim, a construção *olha lá* não estaria envolvendo apenas a sinalização da coxa da colega de G, mas uma avaliação por parte do falante. O uso da construção com *lá* em vez de com *ali* pode estar ligado ao caráter intensificador: o falante projeta no espaço conceitual uma distância maior para destacar a ênfase sobre o objeto sinalizado. O excerto (7) consiste em um caso de *olha ali* prototípico, já que o falante C sinaliza a placa do *trailer* onde os preços estão listados, após dúvidas quanto ao preço da batata frita.

Devido ao papel do elemento adverbial na construção, postulo um contínuo que parte da sinalização de um objeto concreto, como no caso da tabela de preços em (7), com uso de *olha ali*, até sinalizar um objeto abstrato, como uma posição defendida por meio de *olha só*. A abstratização evidencia-se na intenção com que cada CMCP é empregada.

No caso de *olha lá* (6), o teor de exagero com vistas à descontração, fornecido pelo dêitico *lá*, confere especificidade à FOCALIZAÇÃO do objeto, indo além da materialidade da parte do corpo apontada/referida. A nuance de sentido abstrato intensifica-se nos casos de *olha aqui* de base metonímica, que referem os papéis desempenhados pelos próprios participantes da interação: estratégia do jogador F1 em (4) e a atitude da falante J em (5), por isso os participantes preenchem a construção com *aqui*, não *ali* ou *lá*.

A diferença entre *olha aqui* e *olha lá* reside no tipo de extensão de sentido produzida do primeiro, que revela a possibilidade de ser mais argumentativo, em relação ao segundo, devido ao esquema conceptual em que falante se projeta, por meio de sua fala, com envolvimento explícito. Essa função deve-se ao papel que o *aqui* exerce na construção.

Portanto, em termos semântico-pragmáticos, os sentidos expressos pelas construções *olha X*, em relação ao tipo de sinalização do objeto FOCALIZADO, partem (i) do concreto para o abstrato, da referência a objetos reais a ideias, posições, conforme a intenção negociada, e (ii) das estratégias de envolvimento ou afastamento com que tais sinalizações são encaminhadas. Passo, em seguida, às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos termos de Lakoff (1987), a categoria CMCP *olha X* apresenta as seguintes características do sistema conceptual de categorização humana:

- i. Centralidade – a existência de sentidos mais básicos, como o de levar o interlocutor a voltar sua atenção para um objeto do cenário em que ocorre a conversa durante a produção conjunta do discurso, em oposição a sentidos mais metafóricos;
- ii. Radialidade – sentidos mais abstratos ligados ao sentido básico;
- iii. Domínios experienciais – base das ligações entre os sentidos das construções. Tais domínios, relacionados à cultura, permitem, por exemplo, entender o evento jogo de cartas e perceber quando um jogador conta vantagem em relação à sua cartada, de modo a produzir o sentido limítrofe de *olha aqui*, ou a atividade recorrente entre professores de fotocopiar material didático e como cada docente encara a necessidade dessa atividade;
- iv. Modelos cognitivos idealizados – o conhecimento de jogo de cartas, por exemplo, é um MCI estruturado a partir da experiência que permite a conceptualização do sentido produzido pelo *olha aqui* do excerto (4);
- v. Conhecimentos específicos – no caso de *olha só* empregado no enunciado sobre produtos da Natura, o conhecimento específico desses produtos é acionado na construção de sentido produzido pela falante na passagem (3), fundamentando seu argumento;
- vi. Diferenças – elementos centrais de cada categoria podem apresentar sentidos diferentes, bem como as extensões de sentido em cada categoria. Em outras palavras, as categorias radiais não apresentam apenas semelhanças. Assim, pode-se perceber a diferença entre *olha só* e *olha aqui*, bem como os diferentes tipos de *olha só*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Além desses aspectos, Lakoff (1987) também concebe o fato de categorias apresentarem propriedades incomuns, aspecto que talvez pudesse ser relacionado à dimensão pragmática da forma *só* na construção *olha só*. Outro aspecto importante, porém de difícil mensuração, é a motivação subjacente às categorias linguísticas, que, por sua vez, exprimem o sistema conceptual de categorização. Acredito que a motivação para tais construções se encontre nas metáforas subjacentes a *olha X*, bem como na sua dimensão pragmática, ou seja, no papel que desempenham na construção e organização do discurso conversacional.

Todos os aspectos aqui elencados estão relacionados, devido à complexidade dos mecanismos cognitivos envolvidos na conceptualização dos sentidos produzidos nas conversas informais e às formas linguísticas, empregadas pelos falantes nessas interações, extremamente dinâmicas, daí a necessidade de ferramentas teóricas flexíveis, como a abordagem sociocognitiva.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Sandra. Olha só, olha aqui: construções de movimento causado presumido. In: HORA, Dermeval da. *Anais – VI Congresso Internacional da Abralin*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 2588-2594.

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

——— & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARMARIDOU, Sophia S.A. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

MIRANDA, Neuza Salim. Domínios estáveis e projeções entre domínio: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. *Veredas*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1999, v. 3, n. 1, p. 81-95.

RONCARATI, Cláudia (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ/CNPq, 1996.

TALMY, Leonard. Grammatical construal. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 69-108, 2006.